O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 38.º — N.º 1907

Sábado, 22 de Setembro de 1945

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Macau, a sacrificada

Sucessivos telegramas têm chegado a Lisboa agradecendo ao Govêrno o acolhimento que em Macau foi dispensado às colónias estrangeiras.

Macau é uma cidade sem campos e sem hortas e cujo abastecimento se fez sempre nos territórios chineses visinhos. Em tempos normais êsse abastecimento era feito regularmente e a preços convenientes. Não sucedeu assim depois da guerra do Extremo Oriente. A cidade duplicou de população depois da invasão japonesa e tôda a faixa de terra chinesa que circunda Macau foi ocupada pelos nipónicos. Então tornou-se verdadeiramente crítica a situação de Macau. O que valeu em tais circunstâncias foi que alguns chineses residentes na nossa colónia, arriscando vidas e haveres, conseguiam romper o bloqueio e levar à cidade alguns géneros, sobretudo arroz. E' de calcular os preços exorbitantes que atingiram os géneros alimentícios mais essenciais à manutenção da vida humana. O pão vendia-se a 50$00 o quilo; as batatas a 30$00. E por aqui fora até à manteiga, que atingiu o preço fabuloso de 200$00! Por isso a população europeia de Macau teve de sujeitar-se durante quatro anos seguidos a uma situação de sub-consumo. As crianças, particularmente, sofreram imenso e é uma geração infezada e raquitica a que ali se apresenta aos olhos dos observadores. Estes são os factos tais como chegam ao nosso conhecimento. Logo que foram possíveis as comunicações com Macau, o Govêrno português providenciou para que da India portuguesa e de Moçambique fôssem enviados os primeiros socorros.

Se bem que se previssem todas as dificuldades a vencer, o Governador de Macau, seguindo à risca a linha de conduta do Govêrno da metrópole desde o início do conflito que há pouco terminou pela capitulação do Japão, não vedou a entrada na cidade fôsse a quem fôsse que carecesse de asilo. Foi assim que Macau se encheu de refugiados, chineses na sua maior parte, juntamente com ingleses e outros europeus ou americanos idos de Hong-Kong quando esta possessão britânica foi invadida

Foi dura, muito dura e penosa, a situação dos portugueses de Macau durante quatro longos anos. Mas nenhum dos nossos irmãos de raça se lamenta do seu sacrifício e todos reconhecem que a situação teria sido muito pior sem a atitude firme e equilibrada do Govêrno da Metrópole, seguida sem hesitação pelo Governador da Colónia, comandante Gabriel Teixeira, que bem fica merecendo da Pátria pelo seu alto espírito humanitário.

Por nós julgamos que além das providências governativas todos devemos cooperar num auxílio quanto possível extenso e efectivo aos habitantes europeus e indigenas de Macau, tão experimentados por tão longo sofrimento. Já os colonos de Moçambique estão reunindo socorros para enviar a Macau. Porque não se há-de fazer a mesma coisa em tôda a terra portuguesa?

E' êsse o nosso dever, um dever de solidariedade nacional que é ao mesmo tempo um acto de homenagem a um punhado de portugueses que soube manter bem alto o nome da sua Pátria.

J. C.

Conselho Municipal

—o—

Conforme foi deliberado, no dia 12 do corrente mês reuniu o Conselho Municipal afim-de apreciar o plano de actividade camarária e as bases do orçamento para o próximo ano.

Tanto o plano de actividade como as bases do orçamento foram aprovados por unanimidade.

No próximo ano, pois, a Câmara tenciona executar, salvo caso de fôrça maior, o seguinte plano:

a)—Conclusão da rêde de distribuição de água à cidade e prolongamento da canalização até Esgueira;

b)—Construção de um colector que abranja a Rua Eça de Queiroz, a Rua Combatentes da Grande Guerra e a Rua Coimbra;

c)—Pavimentação, a cubos de granito, e construção de passeios, das ruas Combatentes da Grande Guerra e Eça de Queiroz;

a)—Pavimentação, a macadame, da estrada que principia na Rua do Comandante Rocha e Cunha e vai até à Quinta do Gato (1.ª fase);

e)—Pavimentação das rampas de acesso à Ponte da Dubadoura;

f)—Pavimentação do Largo da Apresentação;

g)—Construção de instalações sanitárias na Praça do Peixe;

h)—Construção de uma capela no cemitério Sul;

i)—Vedação do cemitério de S. Jacinto;

j)—Construção de um edifício destinado à Junta de Fréguesia da Vera-Cruz;

k)—Construção de um lavadouro e coberto na Fonte dos Amores;

l)—Abertura de dois portais no edifício do Quartel dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes;

m)—Construção de uma ou duas pontes entre a Rua Viana do Castelo e o Largo Luís Cipriano.

Os Serviços Municipalisados propõem-se, apesar do elevado custo do material eléctrico, do alto preço da energia e dos elevados salários que paga, a levar por diante os seguintes empreendimentos:

a)—Reparação na rêde;

b)—Iluminar condignamente a Avenida Araújo e Silva e o Jardim;

c)—Concluir o estudo e proceder à construção das rêdes de São Bernardo (parte), Povoa do Valado e Vilar;

d)—Iniciar o estudo do prolongamento da rêde Eirol e Mataduços.

A Comissão Municipal de Turismo propõe-se, por seu turno, realizar os seguintes melhoramentos:

a)—Concluir o Parque Infantil;

b)—Continuar a construção da pérgola no Jardim Público;

c)—Dar novo impulso ás obras do Estádio Mário Duarte;

a)—Preparar, na mata de São Jacinto, um recinto próprio para os excursionistas que visitem aquele local;

e)—Mandar elaborar uma monografia sôbre Aveiro;

f)—Manter os prémios destinados a alunos do Liceu e da Escola Industrial;

g)—Criar dois prémios, um de 300$00 e outro de 200$00 destinados ás varandas floridas da cidade;

h)—Auxiliar a realização dos campeonatos nacionais de remo se se realizarem em Aveiro;

i)—Intensificar a propaganda das belezas de Aveiro.

Além túmulo

João Aleluia

Fez ante-ontem dez anos que se finou êste considerado industrial, fundador da *Fábrica Aleluia*, que seus filhos Carlos e Gervásio, continuadores da obra do seu progenitor, têem ampliado, tornando-o um estabelecimento modelar, que honra sobremaneira a nossa terra.

João Aleluia, que tanto acarinhou os seus operários, deixou um nome honrado, motivo por que é sempre lembrado com viva saüdade.

Francisco Vieira da Costa

Também àmanhã passa o 13.º aniversário da morte doutro aveirense que, na província de Angola, onde dorme o sono eterno, tanto se evidenciou, devido à sua inteligência, à sua actividade e ao seu espírito empreendedor.

Pertenceu ao número dos nossos melhores amigos, motivo por que o não esqueceremos jámais.

Bacalhau à vista...

Os navios bacalhoeiros regressam a abarrotar dos bancos da Terra Nova — diz a imprensa diária.

Houve grande abundância de pescado, êste ano, e os barcos foram em maior número — mais 5 do que o ano passado. Dos 50 que agora vão regressando, 6 são arrastões, os quais chegarão mais tarde, empenhados como estão no trabalho da segunda campanha.

O ano passado pescaram-se 400.000 quintais de bacalhau verde, que deram, depois da secagem, 300.000. Os resultados desta campanha devem atingir os 500.000 quintais — correspondente a cêrca de 400.000 quintais preparados para consumo, que é a maior quantidade registada nos anais da nossa frota bacalhoeira.

Dá-se com o bacalhau, *ipsis verbis*, o mesmo que com o vinho, a fruta e os outros alimentos.

Mas a respeito de chuva, nada.

É para louvar

Tendo achado, o boletineiro de reserva dos C. T. T., Duarte da Silva Gomes, o colar de corais a que êste jornal se referiu a semana passada, veio ao nosso encontro para o restituir a quem pertencia, pelo que é digno de louvor.

Acções destas só dignificam quem as pratica, honrando ao mesmo tempo a classe de que é humilde servidor.

A PRODUÇÃO DE SAL

Foi grande êste ano, muito grande, como já noticiámos, tendo abatido o preço cêrca de 50 %, o que para muitos *marnotos* representa um canudo de respeito, visto não corresponder assim, ás despesas da safra.

Nesta altura procede-se à cobertura dos montes que ficam nas eiras à espera de compradores.

Política do Espírito

A feição espiritual dum povo é aquela que melhor expressa o seu valor e vitalidade, a de maior projecção no tempo e no espaço. Um povo que esquece a sua missão cultural, que não cria e produz no campo da mentalidade e não liga o pensamento às artes e ciências, não possue ou deixou de possuir as qualidades e os dotes que lhe asseguram a existência e continuidade.

E' o pensamento a mais alta expressão duma raça, do seu grau de civilização, das suas possibilidades e razões de vida.

Assim o compreendeu o Estado corporativo criando e animando a *politica do espírito*, estimulando e facilitando as expansões criadoras do pensamento, concedendo um lugar de previlégio às demonstrações do engenho quer no campo da arte, quer no campo cientifico.

A vinda a Portugal da Missão Académica Brasileira para firmar o acôrdo ortográfico, facto da maior importância para as duas nações irmãs, que têm no seu idioma um património de inestimável valor, revela bem o interesse e a seriedade que merece aos governos brasileiro e portugues a vida espiritual.

Com a maior competência, intimidade das melhores relações cordeais, bom entendimento na defesa do seu mais nobre e valioso elemento de expansão, se encontraram académicos brasileiros e portugueses investidos de poderes, que os respectivos govêrnos lhes conferiram.

Desta sorte ficou bem patente o desvelado interêsse e cuidados que as coisas do espírito dedicam àqueles que orientam e dirigem os destinos dos seus povos.

Em Portugal a política do espírito tem dado ensejo ao maior desenvolvimento das artes, letras e ciências.

Os prémios literários do Secretariado, iniciativa de todo o ponto louvável e harmónica com a orientação da política do espírito, são um exemplo de interesse e estimulo, que de ano para ano vem despertando maior atenção e chamando mais numerosa concorrência. Este ano a sua distribuição, a que presidiu o ilustre Ministro da Educação, acrescida da atribuição do prémio Pero Vaz de Caminha criado pelo acôrdo cultural luso-brasileiro celebrado entre o S. N. I. e o D. I. P., revestiu-se de um caracter da maior significação.

A festa da distribuição dos prémios foi dedicada à missão académica; recitaram-se algumas das melhores poesias modernas das duas nações e houve um familiar convívio de portugueses e brasileiros, que mais uma vez marcou a amizade e o bom entendimento espíritual que nos une fraternalmente.

P. S.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

De vez enquando

Mas que elegância poderá dar, às meninas que os usam, êsses sapatões que agora calçam porque é moda?

Nós não somos, por principio nenhum, implicantes; todavia, desagrada-nos vêr essa coisa feia, inestética, imprópria, mesmo, de uns pés delicados, e de aí o reparo — o combate. Somos contra os sapatões como somos contra o exagêro das pinturas, contra as sáias levantadas, contra as sobrancelhas artificiais, contra a porcaria das unturas, contra tudo, enfim, que concorra para roubar à mulher os dotes naturais vindos com o nascimento. Não. O que se está praticando não dignifica nada a mulher portuguesa, pois só concorre para a prejudicar em tudo, inclusivamente na saúde.

A mulher portuguesa não é feia e possue atractivos físicos que a impõem. Desde sempre a considerei, a respeitei e dela fui admirador. Não lhe perdô-o, porém, que cáia no ridículo, apresentando-se de modo a ser troçada quando em contacto com o público, no meio da rua, nos teatros, nas festas, onde quer que se apresente. Basta de carnaval! Eleve-se a mulher em vez de a deprimir, de fazer dela um fantoche de espantar pardais. Bem sabemos que há meninas rebeldes, com os ouvidos tapados a tudo, curtas de vista, e que até fazem gala na miséria. Deixá-lo. Pintem-se, untem-se, vistam calças e fumem, já que disso gostam. No entanto fiquem certos de que no meio de tanta falta de... pensar ainda há-de subsistir o bom senso como norma a impôr-se à consideração pelo belo sexo.

JOÃO DO CAIS

Festas à beira-mar

—o—

Êste ano, segundo está determinado, a sua ordem foi alterada, pois temos em primeiro lugar a Senhora dos Navegantes, na Barra, que se festejará àmanhã e segunda-feira e na próxima semana, ou seja nos dias 29 e 30 de Setembro e 1 de Outubro, a Senhora da Saúde, na Costa Nova.

Que nos lembre nunca tal sucedeu; mas como anda tudo mudado não temos que estranhar, aceitando quanto nos queiram impingir, embora, às vezes, com relutância.

E que volta?

O Outono

Faz àmanhã a sua apresentação oficial, segundo o *Borda d'Agua.*

Costuma ser das melhores estações do ano cá em Aveiro. Aguarde-mo-lo, portanto, e se sim ou não, ver-se-há.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Os quadros que em Viana do Castelo foram apresentados por Xico Maia obtiveram êxito a avaliar pelas referências dos jornais. Congratulamo-nos por que se trata dum aveirense despretencioso, modesto e que trabalha por amor à arte.

Boa sorte continuamos a desejar-lhe.

O vinho e o resto

Recortamos do *Seculo:*

Talvez seja difícil encontrar país como o nosso onde as anomalias pitorescas proliferem. Não sabemos — mas é provável — que isto em boa parte se deva ao *deixa andar e corra o marfim!*, na frase que há perto de quarenta anos a peça francesa *Lagartixa* vulgarizou em Lisboa.

Aqui temos o vinho. A nossa produção é consideravel e o consumo também. Pois êste abençoado país do vinho vende o vinho pelo preço das pérolas! O vinho sem outro nome senão o de vinho, que não tem marca, que não se apresenta em garrafas com rótulos elegantes, o vinho que se bebe a copo, aos balcões de tabernas, tascas e carvoarias, anda aí a um preço que regula entre 2$80 e 3$00 o litro. Pregunta-se o motivo e ninguém sabe explicá-lo. A's vezes, para nos convencerem, fala-se em remuneração ao capital.

Sucede com o vinho o mesmo que com a fruta. Temos fruta, muita e boa. Mas, para *remuneração ao capital*, vende-se por preços exagerados e só os ricos lhe chegam ou, então, aparece e dá-se aos animais.

A fruta é cara? Pois não coma fruta. O vinho é caro? Pois não beba vinho. Por êste caminho, acaba-se por não comer nem beber.

Esperemos que *deixe de andar, embora corra o marfim!*

O vinho, a fruta e o mais de que há fartura, não se lhe chega. E' verdade.

O pior é que, às vezes, as guardas mudam e lá vai tudo quanto Marta fiou...

Festa das Colheitas

Na sede do concelho da Murtosa e por iniciativa do Grémio da Lavoura, apoiada pela Câmara e pela Comissão de Turismo da Torreira e ainda com o patrocínio do Ministério da Economia através das direcções gerais dos serviços agrícolas e pecuários, iniciam-se àmanhã, devendo durar tôda a semana, importantíssimos festejos para os quais foram expressamente convidadas, além das autoridades locais e superiores do distrito, militares, civis e eclesiásticas, altas dignidades oficiais, que assistirão ao desenrolar de um vasto programa, variado e atraente, aparecido com o título da epígrafe.

Auguramos-lhe um sucesso completo. E como as lanchas desta cidade vão fazer carreiras extraordinárias até o dia 30, aqui teem os aveirenses uma ocasião magnífica para visitarem a Murtosa pela sua ria — a mais bela de Portugal.

A "Candonga,,

Anda desenfreada por toda a parte. E tudo serve para negociar, tudo. Batatas e arroz é aos camions. Todavia, a polícia e a Guarda Republicana persegue a *malta.* Há apreensões e aplicam-se multas. Não basta. E' preciso meter essa agente na cadeia e fechar os estabelecimentos a quem os possuir. Só assim. Porque, de resto, o dinheiro paga tudo e os que nos roubam ficam-se a rir.

Pela ria

Realizou, domingo, o seu anunciado passeio à Mata de S. Jacinto, a Banda da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes, que durante o percurso e no aprazível recinto, deliciou os que tomaram parte na digressão, com o seu reportório.

Foi um dia em cheio para os que gozaram os encantos da nossa ria.

Atenção para a 4.ª página

IMPRENSA

Arquivo do Distrito de Aveiro

O n.º 42, que recebemos há dias, encerra, entre outros artigos mais ou menos valiosos, um do nosso conterrâneo dr. António Leitão sobre *a capela do Senhor das Barrocas e os baptisterios de Pisa e de Florença* cuja comparação resulta a nosso favor em presença das gravuras que o acompanham. Por isso se recomenda, principalmente à Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Feira das cebolas

—o—

Começaram a chegar ao largo do Rossio os cambos do apreciável produto culinário cuja venda se iniciou, também, juntamente com a dos alhos, a que anda mais ou menos ligado.

A' volta de ambos e até o fim do mês, as donas de casa palpitam, indagando preço e compram, que não têm outro remédio.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Carta de Lisboa

Disciplina voluntária

Uma das características—e porque não dizer a primeira?!—que emolduram a obra nacionalista do Estado português é a disciplina voluntária.

E ninguém até hoje deu mais alto significado ao valor da expressão do que disse Salazar, dirigindo-se à Mocidade, em 29 de Maio de 1938.

Disse, então, o chefe: *melhor, ainda melhor* na cultura física, no cumprimento dos deveres, no amor da família, do trabalho e da terra, na consciência da utilidade e da responsabilidade pessoal, na disciplina e na devoção patriótica. *Mais e melhor:* mais até serem todos; melhor até serem um por Portugal.

Assim se exprimiu o sr. Presidente do Conselho naquela tarde encharcada de alegria e de promessas môças.

Disciplina voluntária e devoção patriótica são legendas magestáticas que espadas leais—as da *arrancada* de Braga e sempre em continência vigilante para que a Revolução continue—esculpiram no pórtico do Portugal ressurgido para um Portugal *melhor: ainda melhor; mais e melhor*, se nos é lícito transferir para aqui o pensamento de Salazar, nessa tarde da Mocidade.

Anos rodaram já sôbre aquele dia grande. Anos de incerteza, anos de opróbrio, anos de ignomínia, anos de dôr e luto e de lágrimas e cataclismos. Os anos, na dobadoura do tempo, deram minutos agrestes no decorrer da guerra. Mas a disciplina voluntária levou-nos a confiar na política de estrita neutralidade de Salazar.

Disciplinados voluntários também nos mantivemos quando parcelas sagradas do Império do Extremo Oriente foram profanadas por usurpadores, porque confiamos disciplinarmente na *intransigência* de Salazar. Disciplinados voluntários nos conservaremos ante o desdobramento das conferências internacionais para arrumação do Mundo, porque, confiadamente, acreditamos no triunfo da honestidade e da honra. Os demais... êsses demais, que vituperem, adulterem, mordam na sombra.

E'-nos indiferente o seu proceder. Dissidências entre os nacionalistas jámais conseguirão! Disciplina voluntária e devoção patriótica são para nós, como as ereitas dos gladiadores: derrubam sem recurso em contrário. Somos parte de um todo praticando sem temor e desfalecimento o enunciado do chefe: *Melhor até serem um por Portugal.*

Somos conscientemente disciplinados! Eis a chave do segrêdo dos que nunca foram senão portugueses!

A influência dum govêrno

Parafraseando Camões num seu verso conhecido, não há dúvida nenhuma, como nos diz a História, que um Govêrno fraco torna fraca a gente que governa. Isto, por outras palavras, e generalizando, quere dizer que do alto vem o exemplo: e vem o estímulo. Com um govêrno de ordem, e que trabalha pelo bem da nação, cria-se nela o ambiente próprio dos grandes ideais, incluindo o amor da Pátria mais apurado, e a unidade do melhor e mais ordeiro da Grei, quando não tôda ela.

Estiveram entre nós soldados brasileiros, os que se bateram com glória nos campos da Itália, na guerra finda. O povo de Lisboa, e quanto dêle da nossa província, recebeu-os com extremos de carinho fraternal, quási único na nossa História.

Pois nisto andou a influência do Estado Novo, pelo seu exemplo de ordem e trabalho, e pela unidade que trouxe a êste nosso Portugal. Houvera um Govêrno fraco, ou à mercê dos corrilhos políticos, os quais não unem, mas dividem a nacionalidade—que não teríamos, pelo exemplo contagioso da desordem, vivido as horas duma só alma ao redor daqueles nossos irmãos brasileiros.

CORDEIRO GOMES

Afinal, é tão pouco!

Não basta que um país tenha pitorescos pontos de vista, seja lavado de ares, possua águas termais milagrosas ou que o oceano contorne praias fundas e vastas. E' de facto alguma coisa — e de valor real — mas não suficiente.

Que nos importa habitar pisos de prédios de luxo, em amplas avenidas, onde não falta desde a casa de banho com canalização quente e fria até à cosinha de lavadouros de mármore ou ainda salões de paredes e tectos decorados, quartos de repouso com a luz filtrada por gelosias e aquecimento central, se nos faltam os móveis correspondentes para os rechear?

Ora outro tanto sucede nos domínios da Natureza. O sítio é aprazível e convida a curas de repouso. Magnífico. Mas se o reverso da medalha não corresponde ao cenário campestre e marítimo, o panorama desmorona-se qual castelo de cartas. E o veraneante, aterrado, embarca no combóio ou indaga as horas da primeira camioneta.

Pois êstes incidentes desagradáveis resolvem-se simplesmente com o *mobilar da casa*, — o que na vida de sociedade se chama TURISMO! Felizmente, entre nós, há muitos sítios pitorescos — e temos uma mão cheia dêles — são *mobilados*. Todavia ainda falta *mobilar* muitos mais.

Para isso, basta um conjunto de boas iniciativas e vontades para alindar a nossa terra hospitaleira e sadia. êsse conjunto a que o Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo chama, com propriedade, CONSCIENCIA TURÍSTICA.

E logo que a fórmula seja posta em equação, Portugal poderá classificar-se, sem receio de confronto, afirmando: *Não somos um país pequeno e somos um país de turismo.*

Uma trasladação

Teve logar, ante-ontem, de tarde, a trasladação do tumulo com as ossadas de D. João de Albuquerque, da Sé Catedral para uma capela do claustro do antigo Convento de Jesus, hoje Museu.

A' cerimónia assistiram a convite do dr. Alberto Souto, além de várias individualidades vindas de fora—dr. João Pereira Dias, director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e presidente da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação; J. M. Cordeiro de Sousa arqueólogo e epigrafista da J. N. de Educação; dr. Hugo de Magalhães, do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto; António Gomes da Rocha Madail, residente em Coimbra, e um dos directores do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, etc.—os srs. governador civil, presidente da Câmara, comandantes dos regimentos de Infantaria 10 e Cavalaria 5, representantes da imprensa e outras entidades, sem excluir o reverendo prior que, devidamente paramentado, presidiu a uma cerimónia religiosa alusiva ao acto.

D. João de Albuquerque foi esforçado cavaleiro no reinado de D. Afonso V, tendo tomado parte na expedição às Canárias e nas empresas de Africa em que se empenhou o monarca e de onde lhe adveiu a cognominação de O Africano.

Foi lavrado um auto pelo sr. Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças, sendo depois assinado pelo rev.º José Maria Carlos, em representação do sr. arcebispo-bispo da diocese e pelo sr. dr. Alberto Souto, director do Museu.

O tumulo, que data de 1845 é considerado um dos mais notáveis monumentos funebres, do género, em Portugal.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: ámanhã, o sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gandara (O. de Azemeis); no dia 24, as srs.as D. Maria Luisa Saldanha R. dos Santos e D. Leopoldina P. Valente e Melo, professora oficial e esposas, respectivamente, dos srs. José Rodrigues dos Santos, 1.º tenente da Armada e José P. Soares de Melo Júnior, funcionário da Secção de Finanças, e o sr. Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavem; em 25, a distinta professora sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, esposa do nosso amigo Henrique Ramos, da Foto Central, e os srs. Marino Moreira e Alberto Gomes, sócio da Scalabis; em 26, a sr.ª D. Maria Helena Lebre Canelas, dilecta filha do sr. dr. Roberto Canelas, advogado em Cantanhede, e o professor Lotário Casimiro da Silva, residente em Coimbra, e em 27, a menina Honorina Carmen de Sousa, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se, domingo, o consórcio da menina Elsa Palavra de Oliveira Martinho, com o sr. António Marques de Oliveira, natural de Lisboa, mas aqui residente.

Assistiram pessoas da maior intimidade dos nubentes, tendo servido de padrinhos o sr. Elísio dos Santos, aspirante de Finanças e sua esposa a sr.ª D. Elsa de Matos de Oliveira Santos, empregada nos correios.

Desejamos-lhes um futuro risonho.

—Para o sr. Hernani de Almeida e Silva, filho do sr. Manuel de Almeida e Silva, acreditado comerciante em Oliveira de Azemeis, foi pedida, há dias, a mão da menina Maria Adelaide Correia da Silva, interessante filha da sr.ª D. Laura Correia da Silva e de seu marido sr. Jaime Correia da Silva, já falecido.

A cerimónia realizar-se-á brevemente.

Gente nova

Teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma menina, a sr.ª D. Maria del Consuelo da Graça Marnoto, esposa do sr. José Adriano Pereira de Aguiar, empregado nos escritórios da Fábrica da Vista Alegre.

Foi registada, no domingo, com o nome de Rosa Adriana, tendo servido de padrinhos a menina Maria da Glória da Graça Marnoto e o estudante Jorge Fernandes de Andrade Monteiro.

Um ridente futuro desejamos à recem-nascida.

—Também teve, na terça feira, a sua délivrance, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Rosa Malaquias da Naia Balacó, esposa do sr. dr. Alfredo Balacó, professor do Liceu Alexandre Herculano, do Porto, e filha do coronel farmaceutico Francisco Marques da Naia.

Que a felicidade igualmente a bafeje são os nossos desejos.

Praias e termas

Com sua familia, foi passar o resto do corrente mês à Figueira da Foz, o sr. major Manuel Augusto de Melo Cabral, de Infantaria 10.

—Está na praia do Farol, a gosar a licença, o capitão de fragata sr. Mário Ferreira da Costa, com residência na capital.

—Com sua estremosa filha sr.ª D. Maria Emília Vieira de Carvalho, seguiu para Visela, a sr.ª D. Tereza Vieira da Costa, que naquela estância se demorará alguns dias.

—Tendo chegado da Bairrada, com sua esposa, o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, seguiram ontem para as Termas de S. Pedro do Sul, onde devem permanecer até princípios de Outubro.

Partidas e Chegadas

Vieram cá passar alguns dias, acompanhados de suas esposas, os srs. João da Cruz Novo, 1.º sargento aviador e Marcelino Gonzalez Peña, residente na Povoa de Santa Iria.

—Já retirou para Beja o nosso conterrâneo João Costa, escriturário da Direcção de Estradas daquele distrito.

—Estiveram nesta cidade a sr.ª D. Violeta Vieira da Costa e seu filho Mário Vieira da Costa, aluno de medicina da Universidade do Porto; Pedro Colares Pinto, gerente da Filial do Banco N. Ultramarino de Braga; inspector escolar Maia Romão, residente em Oliveira do Bairro e Américo Reis, ajudante de farmácia na Régua.

—Retirou para a capital a nossa conterrânea sr.ª D. Laura Duarte, ali residente.

A INDUSTRIA DO VINAGRE

E'-nos solicitada a publicação da seguinte

Nota Oficiosa

Avisam-se os interessados de que o prazo para a venda ao público de vinagres não engarrafados, sem as características fixadas no artigo 5.º do Decreto n.º 34.634 de 28 de Maio passado, termina no dia 30 do mês corrente, devendo, no dia 1 de Outubro próximo, todos os vinagres expostos à venda, obedecer áquelas caracteristicas, a saber:

a) Perfeita limpidez;

b) cheiro e côr próprios e sabor vinoso;

c) Conter o mínimo de 50 gramas de acidez por litro, expressa em ácido acético, e 5 gramas de extrato;

d) Ser normalmente isento de defeitos (*casse*, negra ou férrica, etc.) ou parasitas animais (anguilulas, môscas, ácaros do vinagre, etc.);

e) Não conter ácidos minerais livres, ácidos orgânicos estranhos adicionados, sais metálicos tóxicos, matérias acres e substâncias empireumáticas

A's contravenções do disposto no citado artigo 5.º do referido decreto aplicar-se-ão as penalidades estabelecidas no seu artigo 37.º (multa de $50 a 2$50 por litro de vinagre e perda do produto).

Porto e 1.ª Delegação da Inspecção Geral das Industrias e Comércio Agricolas, em 15 de Setembro de 1945.

O Chefe da Delegação
JOÃO BRAGA
Eng. Agronomo

Soldados do Brasil

Voltaram das campanhas de Itália cobertos de glória. E foi ainda num rumor de glória que Lisboa os recebeu, há dias, quando passaram na capital.

Soldados do Brasil, filhos e netos de portugueses, pisaram, pela primeira vez, o solo de seus avós e de seus pais, em retôrno de uma expedição de combate. Outros haviam já visitado Portugal em outras emergências. Outros tinham vindo aqui, mais de uma vez, assegurar a continuidade duma fraternal estima que os laços de sangue tinham assegurado e garantido. Mas em regresso dos campos de batalha foi a primeira vez que tal facto se verificou. E Lisboa num compreendimento do significado dessa visita aclamou os soldados do Brasil num gesto unânime de carinho, de afecto, de entusiasmo. Lisboa compreendeu. E o Brasil também terá ouvido vozes fraternais que aclamavam a grande pátria irmã nas pessoas dos seus soldados.

Bandeiras a par desciam a Avenida da Liberdade, dirigiam-se ao Terreiro do Paço. Lisboa inteira foi para a rua nessa manhã de Setembro. E, depois, pela tarde fora, segundo dizem os jornais da capital, foi o delírio.

A cidade foi ocupada pacìficamente por um exército amigo. Viveram se horas de fraternidade que nunca mais se esquecerão.

Ao pisarem terra portuguesa os soldados brasileiros terão compreendido, melhor, terão sentido que já tinham desembarcado na sua própria pátria.

Documentários da Guerra

A DERRADEIRA FASE DA LUTA NA BATALHA DA ALEMANHA

Secção Desportiva

A CIDADE E O «FOOT-BALL» AVEIRENSE

Como é do conhecimento de todos o *Beira-Mar* empatou a duas bolas com o forte agrupamento do *Vitória*, de Guimarães, no desafio realizado no passado domingo. Não foi o resultado do jôgo que nos animou a escrever estas linhas, porque quási sempre o resultado não traduz o desenrolar dum jôgo. Queremos dizer simplesmente que o *team* beiramarense desenvolveu interessantes jogadas e proporcionou à enorme assistência uma excelente exibição.

Positivamente conseguiu-se recompôr um *onze* que estava *por terra* e elevá-lo a par dos restantes do distrito não é tarefa fácil e só com enorme persistência e boa vontade de quem dirige se poderá obter um conjunto como o que actuou no domingo.

Terá deficiências a «possível» equipa beiramarense?

A nosso ver tem-as, mas estamos confiados que o sr. dr. Manuel de Oliveira saberá conduzir conscientemente o grupo para a melhor e definitiva formação.

Todos os elementos da turma aveirense deram o possível rendimento em face dum sabedor e global *team* como o do *Vitória*, de Guimarães.

Como começa àmanhã, domingo, o campeonato do distrito, vamos dar a nossa opinião sôbre os jogadores que alinharam pelo *Beira-Mar*:

Carlos Paula — Guarda-redes da reserva que se salientou pelas suas arrojadas defezas com óptima colocação.

Barreto — Magnífico defeza e para nós o melhor jogador em campo, depois de Maximiano.

Elias — Cumpriu bem o seu lugar e com Barreto devem constituir a defeza definitiva do *team*.

Freire — Muito combativo, dando, por vezes, jôgo à linha avançada, mas, E'lio deu-nos melhor impressão no desafio com a *Académica*.

Costa — Bom elemento na primeira parte, mas nos últimos 45 minutos apagou-se.

Freitas — Actuando como terceiro defeza foi um elemento de destruïção e não largou o internacional Franklin, pelo que êste nada produziu. E' um elemento que se impõe no *team* beiramarense.

Neves — Óptimo elemento e autor do 2.° *goal* do *Beira-Mar*, depois de concluir uma excelente passagem em profundidade.

Adolfo — Estranhámos a sua actuação, pois estamos habituados a vê-lo jogar muito e bem. Foi uma tarde infeliz, como é vulgaríssimo no *football*. Com alguns treinos, é um elemento indiscutível na equipa. Se Adolfo estivesse nas suas tardes habituais, o rendimento da aza direita teria sido outro e o resultado do jôgo seria recompensador para a turma aveirense.

Pinto — Jogador combativo, martelando bem a defeza contrária é, à falta de melhor, um elemento a considerar. Pena é que não tenha mais corrida. E', todavia, melhor que Tobias.

Maximiano — Jogou muito e acertadamente. Ainda é um jogador de mérito. Foi para nós o melhor jogador do *Beira-Mar*, em campo.

Moreira — Um jogador a fazer-se, com qualidades para desempenhar o lugar que lhe confiaram.

São estas as impressões que tirámos dos dois primeiros jogos que o *Beira Mar* realizou, pelo que é cêdo, ainda, para acertar...

* * *

A'manhã iniciar-se-á o campeonato do distrito com os seguintes jogos:

Em Aveiro — *Beira-Mar - Oliveirense.*

Em S. João da Madeira — *Sanjoanense - Ovarense.*

Em Espinho — *Espinho - U. de Lamas.*

P. M.

NECROLOGIA

Faleceram: nesta cidade, a sr.ª D. Aurélia de Jesus, viúva, de 77 anos, natural de Valongo do Vouga e mãe do sr. José Alves Pinheiro, empregado na Agência do Banco de Portugal; Alice da Conceição Oliveira, de 26, casada com Florindo de Almeida Júnior; e Fernando Gonçalves Caçola, de 15, filho de António Gonçalves Caçola; no *Bonsucesso*, Margarida dos Santos Carapina, de 64, casada com João Gonçalves Ferreira e Maria do Ceu de Jesus, de 43, casada com Casimiro da Silva Trouxa; em *S. Bernardo*, Joaquim Simões Maio Estudante, casado, de 81, e Manuel da Silva, viúvo, de 65; em *Aradas*, Maria de Jesus Ferreira, viúva, de 78, e na *Forca*, Clara Alves Pinho, de 54, casada com Alfredo Alves Longo.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
12,05 (tram.)	11,15 (»)
13,23 (rápido)[1]	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,34 (rápido)[1]
20,40 (tram.)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	10,49
14,34	15,57 (1)
17,43 (1)	19,16
20,03 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Atenção para a 4.ª página

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$0C
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Eixo, 16

Com 70 anos faleceu na pretérita quarta-feira o sr. Jerónimo Fernandes Mascarenhas, abastado proprietário e um dos homens bons desta localidade. Muito prestável e dedicado aos seus amigos, os pobres perdem nêle *alguém* com quem sempre contaram. Exerceu alguns cargos de relêvo como o de regedor, vogal da Junta da Freguesia, presidente da Comissão Paroquial da U. N. etc., tendo o seu funeral, que foi concorridíssimo, sido uma profunda manifestação de pesar e prova evidente de quanto era estimado por todos.

A seus sobrinhos, os srs. dr. Evaristo Mascarenhas, José Fernandes Mascarenhas e Jerónimo Mascarenhas Júnior e restante família, sinceras condolências.

—No próximo dia 7 de Outubro deverá ter lugar na capela da mesma invocação a festa a S. Sebastião que êste ano, pelo fim da grande tragédia mundial, promete ser bastante ruidosa, à qual assistirão duas bandas de música, etc.

—Continua gravemente enferma a sr.ª D. Carolina Melo, professora aposentada desta localidade.

Sentimos.

C.

Esgueira, 19

Atingiram o brilho que se calculava as festas à Senhora do Rosário, que atrairam à nossa terra milhares de forasteiros. Houve dois arraiais nocturnos, um no domingo e o outro na segunda-feira, registando-se, principalmente no primeiro, extraordinária concorrência, para o que contribuiu, sem dúvida, a categoria das bandas de música e o surpreendente fogo de artifício que foi lançado no espaço.

A comissão que tomou o encargo de promover os festejos deve sentir-se orgulhosa pela forma como decorreram, sendo digna de louvores.

Durante êsses dias muitos conterrâneos nossos que se encontram espalhados pelo país aqui vieram confraternizar com suas famílias e amigos, sendo acolhidos com a maior satisfação.

—Fez ontem anos o menino José Fernando, estremecido filho do nosso amigo Fernando Betencourt, 1.º sargento de Infantaria 10, actualmente em Moçambique.

—Foi fazer nova viagem a bordo do *Colonial* o piloto daquele barco, Luís da Costa Ferreira, filho do sr. tenente Artur Ferreira.

Felicidades.

C.

Oliveirinha, 20

A Granja não ficou atraz de nós, festejando a Senhora da Guia, também ruidosamente e aparatosamente. Muita gente fora assistir às solenidades, que agradaram em todo o sentido. Quer as de caracter religioso, quer profano. Muitos parabéns.

C.

Forte da Barra, 20

Está já publicado o programa dos festejos em honra da Senhora dos Navegantes, que êste ano se antecipa à Senhora da Saúde, da Costa Nova. Serão abrilhantados pelas bandas *Vaguense* e *União Sanjoanense* e por dois afamados gaiteiros de Cordinhã e Anadia; haverá ornamentações a capricho e feéricas iluminações a electricidade e os fogos do ar e aquático serão de surpreendente efeito, pois são confeccionados pelos afamados pirotécnicos Silva & Filhos, de Viana do Castelo, e José Correia da Silva, de Travanca.

Haverá regatas de barcos moliceiros e saleiros à vela, arraiais nocturnos e diurnos, majestosa procissão, etc.

Nêsses dias além das carreiras de camionetes, ordinárias, haverá outras suplementares e as lanchas das duas emprêsas andarão, também, num vai-vem constante, sulcando as águas da nossa ria.

Enfim: a tradicional *festa da Barra*, como é mais conhecida, vai ser um motivo de distracção e de divertimento, não só para a gente da cidade, que a não dispensa, mas também para a dos lugares circunvisinhos que aqui acorre nêsses dias de folia e de prazer, em que são esquecidas as agruras e as dificuldades da vida.

P.

Recomendamos aos nossos leitores

"As Gatas,,

que acabam de aparecer no momento próprio, considerado oportuno.

Preço 2$50.